

Sesc^{tv}

Outubro/2015 – edição 103
sesc.tv/org.br/aovivo

ARQUITETURAS
**O HOMEM
E O ESPAÇO
PÚBLICO**

SUPER LIBRIS
**O POETA CHACAL
E A GERAÇÃO
MIMEÓGRAFO**

INSTRUMENTAL
**SURF MUSIC DO
LESTE EUROPEU**



9 771676 053003



Ailton Krenak



Antonio Risério



Daniel Malim



Eduardo Viveiros de Castro



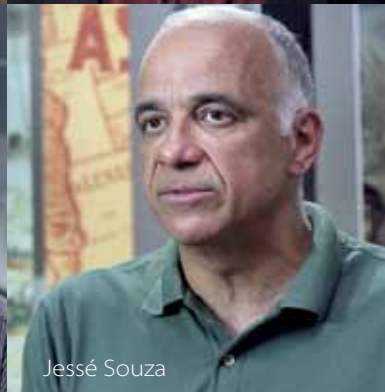
Emicida



Francisco Bosco



Jaime Amorim



Jessé Souza

360° x 180°

olhares sobre o Brasil

direção de Isa Grinspum Ferraz

07/10 | movimentos sociais

14/10 | política

21/10 | economia

28/10 | ciência e universidade

Quartas, às 21h

sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV



José Miguel Wisnik



Kleber Mendonça Filho



Luiz Carlos Bresser-Pereira



Mario Magalhães



Mayana Zatz



Moacir dos Anjos



Paulo Mendes da Rocha



Diretora da série:
Isa Grinspum Ferraz

PARA COMPREENDER A CIDADE

A cidade é palco de inovações e de contradições. É o espaço, por essência, dos encontros, das experiências coletivas, da interação social e também dos debates públicos, seguindo o conceito da pólis grega, um modelo de vida urbano de interação social que é base da civilização ocidental. É, portanto, um local de intenso dinamismo, que inspira artistas das mais diversas linguagens; espaço este que se transforma e é transformado por seu uso cotidiano, adaptado às urgências de seus habitantes, que ressignificam seu território a cada nova demanda.

Para entender a relação que os brasileiros estabelecem com seu espaço urbano, o SescTV estreia neste mês os novos episódios da série Arquiteturas. Com direção de Paulo Markun e Sergio Roizenblit, a série aborda agora o pensamento arquitetônico e as relações entre o homem e os espaços de convivência nas cidades, a partir de visitas a diversos locais Brasil afora.

A trajetória do poeta Chacal é mostrada em episódio inédito da série Super Libris, direção de José Roberto Torero. Em entrevista ao programa, Chacal fala da Poesia Marginal, que teve seu ápice na década de 1970. Na faixa musical, destaque para o trabalho da banda croata *The Bambi Molesters*, que apresenta repertório de *surf music* em show inédito para o Instrumental Sesc Brasil.

A **Revista SescTV** deste mês entrevista os diretores da série Arquiteturas, Paulo Markun e Sergio Roizenblit, que comentam sobre o interesse em comum por este tema e sobre todo o processo de criação. O artigo do arquiteto e professor Guilherme Wisnik trata dos problemas e possíveis soluções da urbanização atual no Brasil. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc em São Paulo

Série Arquiteturas
Foto: Vila Itororó, Divulgação

SescTV é o canal de difusão cultural do Sesc em São Paulo, distribuído gratuitamente, que tem por missão ampliar a ação do Sesc para todo o Brasil.

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA – Paulo Markun e Sergio Roizenblit 8

ARTIGO – Guilherme Wisnik 10

Surf music da Croácia

FOTO: DIVULGAÇÃO



Zagreb não tem praia. Zagreb não se parece em nada com as regiões alaranjadas do sul da Califórnia. A capital da Croácia também está longe de ter as paisagens paradisíacas do litoral de seu país, às margens do Mar Adriático. Mas é de lá, da maior e mais cosmopolita cidade croata, que vem uma das mais importantes bandas de *surf music* da atualidade, *The Bambi Molesters*.

“Tudo começou quando Dinko, que era colecionador de vinis nos anos 1990, comprou uns discos raros dos EUA, a maioria de *surf music*, dos anos 1960”, conta Dalibor Pavicic, um dos fundadores do grupo, parceiro nas guitarras de Dinko Tomljanovic. Lada Furlan Zaborac e Hrvoje Zaborac comandam, respectivamente, o baixo e a bateria no quarteto.

“Quando começamos a tocar, eu escutava Dick Dale, *The Astronauts* e *The Trashmen*. Os caras dessas bandas viviam em nossas mentes e foram grandes influências”, relembra Dinko. O músico reconhece, entretanto, a importância da versatilidade musical para a banda, ao incorporar outros estilos e elementos ao seu trabalho, de soul guitar à guitarra africana. Sua opinião é defendida pelos companheiros, como acrescenta Dalibor: “Não dá pra tocar *surf music* tradicional por 20 anos. Temos que progredir”.

Formada em 1995, *The Bambi Molesters* logo ganhou a simpatia dos críticos de rock e do público *underground*, com seu primeiro disco *Dumb Loud Hollow Twang*, lançado em 1997. “No início da banda, vivíamos um período delicado, e isso dá para sentir em nossas primeiras músicas. Era como se tentássemos escapar de todo aquele clima de guerra”, comenta Dinko ao se referir à Guerra de Independência da Croácia, ocorrida entre 1991 e 1995.

Ao longo de sua trajetória, a banda passou a mesclar outros ritmos à tradicional *surf music*, incorporando sonoridades mais melódicas. Dessa forma, o grupo ultrapassou barreiras geográficas para mostrar ao mundo o trabalho inusitado de músicos do leste europeu que escolheram para si um estilo tão característico, nascido nas praias californianas.

O grupo já gravou quatro álbuns, abriu shows para o REM, foi capa da revista *Rolling Stone*, fez parte da trilha da série norte-americana *Breaking Bad* e se apresentou em vários países, como Alemanha, Itália, Suíça, Espanha, Eslovênia e Nova Zelândia. “Acho que a *surf music* é internacional, não está limitada aos EUA. Costumava ser assim, nos anos 1960, na Califórnia, mas agora ela está em todos os lugares”, comenta Dalibor.

O SescTV exhibe este mês o show inédito da banda, em sua primeira passagem pelo Brasil, em janeiro de 2015, no teatro do Sesc Consolação, para o projeto Instrumental Sesc Brasil. A apresentação teve participação especial do músico argentino Marcelo Di Paola, da banda *Los Tormentos*, além do croata Luka Bencic, que substituiu a baixista Lada Furlan Zaborac. A série *Passagem de Som*, que vai ao ar meia hora antes do show, exhibe entrevista com os músicos.

BANDA THE BAMBI MOLESTERS SE DESTACA MUNDIALMENTE TOCANDO O RITMO NASCIDO NAS PRAIAS DA CALIFÓRNIA

▶ INSTRUMENTAL SESC BRASIL

Domingos, 21h30

Heraldo do Monte

Dia 4/10

Smack

Dia 11/10

The Bambi Molesters

Dia 18/10

Renata Montanari

Dia 25/10

Do marginal ao magistral

FOTO: STEPHANIE SARAMAGO



Durante a década de 1970, sob censura do regime militar instaurado no Brasil e logo após a Tropicália ter rompido os padrões da música popular entre 1967 e 1968, poetas e intelectuais buscaram meios alternativos para criar uma nova concepção artística na literatura brasileira. Uma produção mais livre que rompia com a estrutura tradicional e que ficou conhecida como Poesia Marginal. “Um grupo de jovens, do qual eu fazia parte, achou que, para conversar com o mundo e para expressar todo aquele sentimento de frustração do golpe, era bom (fazê-lo) através da poesia e da escritura”, lembra Ronaldo Correia de Brito, o Chacal.

Nascido em 1951, no Rio de Janeiro, Chacal foi o primeiro poeta a divulgar seu trabalho através de cópias feitas em um mimeógrafo. “A descoberta desse ovo de Colombo que é o mimeógrafo facilitou a forma de produção do livro, sem precisar passar por editores, editoras e todo aquele sistema oficial. As pessoas começaram a escrever e publicar aquilo que estava engasgado. Porque a maioria delas não aguentava aquele estado de coisas que o Brasil atravessava”, explica o pioneiro da Geração Mimeógrafo.

Segundo ele, todas as expressões artísticas de massa da época, que tinham público e faziam parte da indústria cultural, principalmente a música, o teatro e o cinema, estavam sob forte pressão. Contudo, o mesmo não acontecia com a poesia. “Como tinha pouco público e tinha pouca abrangência, tinha um espaço maior também. Essa forma do mimeógrafo foi quase um panfleto, que era distribuído de mão em mão, e a coisa funcionou”.

A Poesia Marginal teve seu ápice em 1976, quando a escritora, ensaísta e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda reuniu autores marginais na antologia *26 Poetas Hoje*. Para Chacal, os acadêmicos da época não consideravam séria essa poesia, julgavam-na sem acabamento. Criticavam a inexistência de estrutura dos versos

e a falta de diálogo com a tradição poética. Entretanto, com o passar dos anos, essa poesia conquistou reconhecimento acadêmico e popular. “A gente deixou de ser marginal para ser magistral. A poesia marginal é o último movimento estudado como movimento nas academias”, comenta o autor, que ainda cita a importância do sucesso atual de seu contemporâneo Paulo Leminski. “Vendeu cem mil exemplares. Isso para um livro de poesia é algo inédito”.

A entrevista com Chacal é o fio condutor do episódio *Uma Ideia Na Cabeça e Um Mimeógrafo na Mão*, da série Super Libris, que o SescTV exibe no dia 19 deste mês. Diante de seu computador, sentado em sua bola de pilates vermelha – para manter a coluna ereta –, o autor dos livros *Muito Prazer*, *Uma História à Margem*, *Murundum*, e de versos como “A vida é curta para ser pequena”, revela ainda como é seu processo de trabalho e qual a importância da escrita para ele: “Eu escrevo porque preciso. É oxigênio para mim e para minha vida”.

Com direção de José Roberto Torero, Super Libris ainda apresenta neste mês os episódios *Os Vampiros se Alimentam de Sangue e Tinta*, no dia 5, sobre romances inspirados em vampiros; *Literatura Infantil, a Pequena Gigante*, no dia 12; e *O Mundo Cabe no meu Quintal*, no dia 26, sobre literatura regional e suas relações com a literatura universal.

EPISÓDIO DA SÉRIE SUPER LIBRIS ENTREVISTA O POETA CHACAL, QUE FALA DE SUA TRAJETÓRIA, SEU PROCESSO CRIATIVO E DA GERAÇÃO MIMEÓGRAFO

▶ SUPER LIBRIS

Segundas, 21h **L**

Os Vampiros se Alimentam de Sangue e Tinta

Dia 5/10

Literatura Infantil, A Pequena Gigante

Dia 12/10

Uma Ideia Na Cabeça e Um Mimeógrafo na Mão

Dia 19/10

O Mundo Cabe No Meu Quintal

Dia 26/10

O homem e o espaço público

VILA TORORÓ. FOTO: DIVULGAÇÃO



NOVOS EPISÓDIOS DA SÉRIE, COM DIREÇÃO DE PAULO MARKUN E SERGIO ROIZENBLIT, ABORDAM A RELAÇÃO ENTRE PESSOAS E A CIDADE

Entender a relação que os brasileiros estabelecem com os espaços públicos e abordar o tema da arquitetura, deixando de lado as grandes construções para falar da intervenção humana no desenho urbano, foram as motivações dos diretores Paulo Markun e Sergio Roizenblit na realização dos episódios inéditos da série *Arquiteturas*, que o SescTV estreia neste mês. A dupla percorreu o Brasil em busca de diferentes usos e apropriações na arquitetura de diversas cidades.

“Queríamos abordar questões urbanas que não fossem nem regra nem exceção, mas algo palpante, surpreendente, inovador e que, de alguma forma, também contrariasse a lógica”, revela Markun. “Não queríamos mais falar sobre casas fora do padrão, ou ainda apontar os problemas da cidade, porque muitos artigos ou programas sobre arquitetura já fazem isso”, completa ele (confira entrevista com os diretores na página 8). O objetivo,

segundo os diretores, é ir além do pensamento arquitetônico e discutir as relações entre o humano e os espaços de convivência nas cidades e suas implicações no mundo contemporâneo.

A segunda temporada da série teve consultoria de arquitetos da Escola da Cidade, de São Paulo. Entre os espaços tratados nos episódios estão o Vale do Anhangabaú, a Orla de Santos, os Arcos da Lapa, a Praça Roosevelt, o Eixão de Brasília, a cidade de Palmas, os bairros da Gamboa e do Pelourinho, entre outros; locais que, segundo Markun, de alguma maneira sofrem interferência dos moradores e da sociedade, muito mais do que do poder público.

Minhocão

Um exemplo é o que ocorre atualmente com o Elevado Presidente Costa e Silva, o Minhocão, em São Paulo. Inaugurada em 1971, pelo então prefeito Paulo Maluf, a obra é uma via expressa elevada, um viaduto com 3,4km de extensão, que liga a região da Praça Roosevelt, no centro da cidade, ao Largo Padre Péricles, em Perdizes, na zona oeste. Sua desativação já está prevista pelo Plano Diretor de São Paulo, aprovado em 2014, mas o futuro do Minhocão divide opiniões. “As pessoas defendem tão bem suas teses que, cada vez que gravávamos uma opinião, concordávamos com ela. Essa discussão sobre a volta às ruas é muito rica”, explica Roizenblit.

O acesso ao Minhocão para carros é fechado todas as noites e aos domingos, a fim de evitar acidentes e diminuir o incômodo para os moradores locais. Com essa iniciativa, a população passou a ocupar esse espaço, transformando-o em uma extensa área de lazer, utilizada por adultos e crianças. O local é palco de manifestações culturais organizadas por coletivos, com o apoio dos Amigos do Parque Minhocão, associação sem fins lucrativos que visa implantar um parque municipal linear, para pedestres e ciclistas.

O arquiteto Lucio Gomes Machado critica a criação do Minhocão: “Ela é tipicamente uma decisão que não deveria ter sido tomada e, como estávamos no tempo da ditadura, não havia recursos contra isso”. Machado observa que, à época, o elevado foi visto como uma opção interessante para o trânsito, já que a Marginal Tietê não estava finalizada e não havia

MINHOCÃO. FOTO: DIVULGAÇÃO



uma ligação razoavelmente rápida entre as zonas oeste e leste da cidade.

A desativação do Minhocão, prevista em lei, ainda não tem prazo definido, mas fica a dúvida entre demolir o viaduto ou construir um parque, como explica o engenheiro Athos Comolatti, um dos idealizadores da Associação Parque Minhocão. “Desde a década de 1980 se fala em demolir. A gente simplesmente está no embate contra a demolição. A gente entende que é melhor fazer um parque”, defende.

Na opinião de Machado, o elevado tem de ser demolido ou desmontado porque nunca deveria ter sido feito: “É mal concebido do ponto de vista de trânsito, de engenharia, de urbanismo. É um viaduto que dividiu a cidade em dois pedaços. A Praça Marechal era um primor e foi destruída com a construção dos acessos ao Minhocão”.

Opiniões complementares e divergentes enriquecem o debate acerca do futuro desse espaço, que interfere diretamente não só na vida dos moradores do entorno, mas também na de quem utiliza o local, seja para se locomover ou se divertir.

▶ ARQUITETURAS

Sábados, 21h **L**

Minhocão

Dia 31/10

“Não dá para impor uma cidade para a sociedade”

FOTO: FIU.DIP



PAULO MARKUN e SERGIO ROIZENBLIT compartilham o gosto pela arquitetura e pelas questões da cidade. Os dois se conheceram durante a Bienal de Arquitetura de São Paulo, no início dos anos 1990. Markun, jornalista e documentarista, já havia sido repórter, editor, chefe de reportagem e diretor de redação em emissoras de televisão, jornais e revistas. Apresentou por mais de dez anos o programa Roda Viva, na TV Cultura de São Paulo, e foi presidente da Fundação Padre Anchieta. Roizenblit atua como documentarista desde 1988. Produziu vários trabalhos: de instalações e videoclipes a programas de TV. Seu primeiro longa-metragem, *O Milagre de Santa Luzia*, foi adaptado para uma série homônima, veiculada pela TV Cultura, em 2012. Juntos, já dirigiram diversos projetos, como as séries *Arquiteturas* e *Habitar Habitat*, realizadas pelo SescTV.

“A CIDADE COMO ESPAÇO PÚBLICO ESTÁ SENDO DEBATIDA NO MUNDO INTEIRO, NA MESA DE BAR E NÃO MAIS NO GABINETE DO ARQUITETO, DO URBANISTA OU DE POLÍTICOS”

Sergio Roizenblit

Como surgiu a ideia de abordar a arquitetura em uma série de TV?

Sergio Roizenblit: Vimos que havia espaço para falar sobre urbanização e arquitetura na televisão, e precisávamos explorar. O projeto já nasceu claramente delineado com essa intenção. Nós dois temos muita ligação com o tema. Sempre gostamos de arquitetura. Na adolescência, o Paulo frequentava a casa do arquiteto Vilanova Artigas, já eu, fui casado com uma arquiteta e participei também da gestão da Escola da Cidade, que foi pensada praticamente aqui em casa. Hoje, a cidade como espaço público está sendo debatida no mundo inteiro, na mesa de bar e não mais no gabinete do arquiteto, do urbanista ou de políticos. Queríamos levar essa discussão para a TV.

Qual a importância de discutir tais temas na atualidade?

Paulo Markun: Essa discussão tem os ingredientes de um debate intenso e polêmico, porque não há uma receita mágica. E não há solução sem problemas. A cidade é pública, mas isso não quer dizer que você pode ocupar as ruas de repente, porque isso atrapalha a vida de outras pessoas, dos moradores. Ao mesmo tempo, não se pode proibir o uso das ruas para manifestações e festas populares. Em Belo Horizonte, a prefeitura chegou a proibir manifestações em uma praça. Então, a sociedade se organizou e fez uma praia nessa praça, no meio da cidade, onde as pessoas se banhavam com mangueira. E dali nasceram 200 blocos de carnaval de rua.

Houve mudança de foco nos novos episódios da série *Arquiteturas*?

Paulo Markun: A segunda temporada da série foi fruto da experiência do programa *Habitar Habitat*. Não queríamos fazer mais um programa sobre construções, nem sobre algo que se destacava na paisagem por si só, mas que envolvesse as questões urbanas, as pessoas que habitam, frequentam e ocupam os espaços. Há um processo que é mundial de discussão sobre as questões da cidade, que faz com que o urbanismo não esteja mais no território exclusivo dos arquitetos e dos acadêmicos. Ele é das pessoas. Uma parte da nossa sociedade está entendendo que, para viver numa cidade melhor, o cidadão também tem que fazer a parte dele: tem que querer viver e conviver na cidade.

Essa mudança pautou os novos espaços e temas abordados?

Sergio Roizenblit: Procuramos olhar o que estava acontecendo nas ruas, que têm uma dinâmica e uma vida própria. Conversamos com as pessoas, que sugeriam lugares. A praia de Belo Horizonte foi uma sugestão de uma menina que entrevistamos no Rio de Janeiro. E eu nem sabia que existia. O Largo da Batata, o rio Capivari, o Largo da Ribeira são projetos interconectados, cujos participantes trocam experiências entre si. Descobrimos, inclusive, que eles têm uma rede de ação social de intervenção nas cidades. Ou seja, existe um grupo de pessoas agindo anônima e fortemente na ocupação dos espaços públicos, que não é vinculado a partidos políticos. São pessoas que têm uma inquietação social.

Há semelhanças nas ações de ocupação dos espaços públicos nas diferentes cidades do Brasil?

Paulo Markun: Sim. É um movimento jovem que tem em suas lideranças pessoas entre 20 e 30 anos. Há um sentido libertário e transgressor nesse movimento, o de não aceitar a cidade e a sociedade do jeito que ela é.

Sergio Roizenblit: Com o tempo, a gente percebeu que há uma tentativa de inverter a pauta e fazer com que a sociedade pautar o governo. Não se pode mais esperar que apenas ele tome uma iniciativa. Sinto que há uma mudança muito mais profunda sobre o papel do Estado. Ele deixa de ser um pai que cuida da sociedade, e passa a ser um mediador. Para isso, a população vai ter que achar um jeito de viver coletivamente, vai ter que achar formas de viver sem a participação do Estado. Do ponto de vista urbano, isso é essencial.

Como a sociedade pode se apropriar de um espaço e resignificá-lo?

Paulo Markun: O Centro Cultural São Paulo é um bom exemplo de espaço público que foi apropriado pela população e que fez dali um território de total liberdade. Isso não foi planejado pelos arquitetos. O prédio foi

“UMA PARTE DA NOSSA SOCIEDADE ESTÁ ENTENDENDO QUE, PARA VIVER NUMA CIDADE MELHOR, O CIDADÃO TAMBÉM TEM QUE FAZER A PARTE DELE: TEM QUE QUERER VIVER E CONVIVER NA CIDADE”

Paulo Markun

projetado para ser uma biblioteca. Mas a quantidade de edificações no Brasil que carregam a arquitetura em seu DNA é muito pequena. As cidades, principalmente suas periferias, são um amontoado de coisas feitas pelas próprias pessoas, em ambientes miseráveis, sem planejamento e sem espaço público, em geral.

Sergio Roizenblit: É interessante você pensar na transformação de Brasília também. Não dá para impor uma cidade para a sociedade. O projeto do Lúcio Costa veio em um momento de mudança do país, quando ocorreu sua verticalização. Mas ele dizia: “A cidade é assim”. Tudo totalmente definido e planejado. Aí, vem a população e se apropria do espaço e o transforma. As cidades-satélites foram surgindo de maneira espontânea e caótica.

A população brasileira valoriza sua arquitetura?

Paulo Markun: O brasileiro tem pouca intimidade com arquitetura e, muitas vezes, não consegue enxergá-la. Tivemos uma experiência curiosa na gravação do episódio da primeira temporada da série sobre a Fábrica da Natura, projetada por Roberto Loeb. Um funcionário entrevistado nos disse: “Eu gosto muito daqui. Parece um shopping center”. Na verdade, aquele prédio é o oposto de um shopping center, cuja arquitetura é pensada para comprar. Isso nos mostra que talvez a única coisa construída e planejada que aquele funcionário conheça seja um shopping center, que é lindo, bem-acabado e grande.

Mas a supervalorização urbanística não pode contribuir para o fenômeno da gentrificação, ao revitalizar uma área e aumentar seus custos de moradia, afetando a população local?

Sergio Roizenblit: A gentrificação é um problema e não há solução. Nenhum bairro no mundo conseguiu resolver, infelizmente. Arrumou, o pobre tem que sair. Inclusive, essa é uma questão permanente na série. Na Gamboa, um entrevistado alerta seus vizinhos para não venderem seus imóveis “porque eles vão valorizar”. Ou seja, ele está falando para não venderem agora, e sim depois, porque, no fim, eles vão ter que vender. Algo parecido acontece com os mercados centrais, que viraram uma praça de alimentação.

Temos espaço público?

O que é um espaço público? Uma praça, um parque, uma rua, um shopping? A resposta parece simples, mas não é. Nos acostumamos, entre os arquitetos, a aceitar de forma acrítica a longínqua referência grega, segundo a qual a praça pública (ágora) é o lugar privilegiado do encontro e da realização democrática na cidade, o lugar onde as pessoas se manifestam livremente e exercem o seu papel político de cidadãos ativos. Assim, quando um arquiteto brasileiro abre um espaço vazio em seu projeto, e o chama de “praça”, está invocando ainda, muitas vezes, esses altos ideais. Mas como é que na prática se dá a passagem, aparentemente natural, de um espaço simplesmente vazio, chamado no desenho de “praça”, e a realização concreta de atividades públicas, entendidas como expressão de uma soberania cidadã?

Me parece que o problema principal reside no fato de que ainda não compreendemos bem, no Brasil, o que é a esfera pública. O Brasil é um país fortemente marcado por práticas sociais patrimonialistas, isto é, pelo costume de se tratar os interesses públicos como se fossem privados, segundo relações pessoais, de favor, que não raro redundam em tráfico de influência e corrupção. Essas práticas, como sabemos, remontam ao período colonial, à escravidão, e se perpetuam em nossa vida republicana nos modos pelos quais as elites agrárias se tornaram as elites industriais. De forma correspondente, nosso processo de urbanização e modernização foi e é altamente baseado em concentração de renda e segregação socioespacial, nossas praças e parques são gradeados, e usados comumente como banheiros públicos a céu aberto. Honrosas exceções existem, diga-se de passagem, como o Parque Ibirapuera e os edifícios-praça do Sesc Pompeia e do Centro Cultural São Paulo, assim como o vão livre do Masp. Fica, portanto, a questão: como fundar o conceito de espaço público em uma sociedade que não conhece a esfera pública, isto é, que não se vê como um conjunto de cidadãos com uma identidade comum em termos políticos?

É evidente que não poderemos, de uma hora para a outra, remediar tamanha falta na nossa formação histórico-social. No entanto, cumpre assumir de uma vez por todas que o espaço público em nossas cidades não é e nem será visto como um lugar pacificado, apaziguado, mas, ao contrário, como o lugar da disputa e do atrito. Para nós, no Brasil, o espaço público ainda é essencialmente algo que não temos, sendo, portanto, algo pelo qual precisamos lutar, mesmo considerando que os anos

de redemocratização tenham trazido avanços inegáveis em termos de gestão do estado, sobretudo para as periferias, como no caso das praças de equipamentos dos CEUs (Centro Educacional Unificado). Daí o extremo interesse do que tem ocorrido com a nova Praça Roosevelt, que tem seu uso aguerridamente disputado por diversos atores sociais, como moradores do entorno, grupos de skatistas e famílias com crianças, sem falar nas companhias de teatro que povoam a rua lindeira. Ainda que, paradoxalmente, o processo de valorização imobiliária daí decorrente esteja expulsando progressivamente esses mesmos grupos teatrais, e que haja fortes pressões para gradear a praça, restringindo o seu uso noturno.

Essa noção do espaço público como lugar da deflagração e da mediação dos conflitos é absolutamente vital, e relativamente nova entre nós. Com efeito, irrompeu de forma surpreendente nas manifestações de junho de 2013, com a bandeira do exercício democrático como realização de um “direito à cidade”. Depois dos vários occupy que tomaram as cidades pelo mundo nos últimos anos, de Nova York e Istambul às cidades brasileiras e do mundo árabe, está claro que as práticas sociais ligadas à apropriação coletiva do espaço público podem se contrapor de forma relevante à especulação imobiliária, ao consumismo exacerbado e à predominância dos interesses privados. Temos aqui fortes exemplos de ativismo urbano recente, tanto ligado a movimentos artísticos quanto de “urbanismo tático”, ou referidos a causas sociais e políticas mais diretamente. Exemplos importantes são o movimento Ocupe Estelita, no Recife, Praia da Estação, em Belo Horizonte, e movimentos como o Parque Augusta e A batata precisa de você, em São Paulo, entre tantos outros. Me parece que esses movimentos surgem propondo uma reversão da relação tradicional entre política e sociedade civil. São expressões de uma sociedade que cansou de esperar pelo espaço público vindouro e decidiu batalhar por ele indo às ruas e usando esses espaços, mesmo que eles sejam praticamente inabitáveis, como o novo Largo da Batata ou o Minhocão, ocupado aos domingos.

Guilherme Wisnik é arquiteto, crítico e professor da FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

ÚLTIMO BLOCO

KARSU DÖNMEZ. FOTO: GABRIELA ANDREA DOS SANTOS



AS NACIONALIDADES DO JAZZ

O jazz é destaque na programação musical do SescTV neste mês, todas as quartas, às 22h. No dia 7/10, Archie Shepp celebra a cultura africana e o freejazz. No dia 14/10, a orquestra Jazz Sinfônica de São Paulo homenageia os compositores americanos Miles Davis e Gil Evans, além de interpretar composições do pernambucano Moacir Santos, no dia 28/10. E a pianista e cantora dinamarquesa Karsu Dönmez apresenta a cena da música contemporânea da Turquia no dia 21/10. **L**

FOTO: JEFFERSON PANCIERI



ARTE TEATRAL PARA CRIANÇAS

O cenário brasileiro do teatro voltado para o público infantil é tema de quatro episódios da série Teatro e Circunstância, que o SescTV exhibe às terças-feiras deste mês, às 22h. Com direção de Amílcar Claro e roteiro de Sebastião Milaré, os programas apresentam a trajetória da encenação brasileira e aspectos de sua composição, como elaboração das peças, uso de técnicas de animação e o mercado de dramaturgia infantil. *Prisioneiros do Moderno Faz de Conta*, dia 6/10; *Caminhos da Imaginação*, dia 13/10, *Novos Temas e Formas no Teatro pra Crianças*, dia 20/10, e *Animação dos Sonhos*, no dia 27/10. Confira a classificação indicativa no site.

SOCIEDADE MOBILIZADA

Questões como as origens das revoltas populares até as manifestações de rua dos dias de hoje são debatidas no episódio inédito *Movimentos Sociais*, da série *Galáxias – Olhares sobre o Brasil*, que o SescTV exhibe no dia 7/10. Com direção de Isa Grispum Ferraz, o programa traz depoimentos de pensadores como o filósofo Francisco Bosco, que fala sobre como o atual sistema político brasileiro impede que as demandas da população sejam atendidas. “Se toda essa motivação simbólica não encontra efetivação real, ela vai continuar explodindo pontualmente. Ela vai de novo aparecer na cidade sob a forma de violência”, pontua. Também neste mês serão exibidos os episódios *Política*, dia 14/10, *Economia*, dia 21/10 e *Ciência e Universidade*, dia 28/10. Quartas, às 21h. Confira a classificação indicativa no site.

REINVENÇÕES SOBRE O MUNDO

O trabalho de quatro artistas brasileiros que buscam reinventar o mundo à sua volta, transformando produto de consumo em matéria-prima de criação, está na série *Artes Visuais* deste mês, que o SescTV exhibe todas as quartas, às 21h. *Rodrigo Bueno* (dia 7/10), *Wagner Malta Tavares* (dia 14/10), *Camile Kachani* (dia 21/10) e *Vik Muniz* (dia 28/10) têm em comum, em seus trabalhos, a transformação de objetos sem valor em obras de arte. Direção de Cacá Vivalvi. Confira a classificação indicativa no site.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães

Redação: Adriana Reis e João Cotrim
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jó Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.

Dia 22/11
DOMINGO
20H

Episódio Masculinidade. Foto: Alex Ribeiro

FILOSOFIA POP

Filosofia e a vida cotidiana

direção: Esmir Filho | apresentação: Marcia Tiburi

Assista online

sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV